

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Monografia em Literatura

CAMILA OTIM GOMES
09/0004183

ANÁLISE DO CARÁTER ARLEQUINAL NA *PAULICÉIA DESVAIRADA*:
Moderna acrobacia de Mário de Andrade

ORIENTADORA DR^a ADRIANA DE FÁTIMA BARBOSA DE ARAÚJO

Brasília
2013

CAMILA OTIM GOMES
09/0004183

**ANÁLISE DO CARÁTER ARLEQUINAL NA *PAULICÉIA DESVAIRADA*:
Moderna acrobacia de Mário de Andrade**

Monografia apresentada ao
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
do Instituto de Letras da Universidade de
Brasília como requisito parcial para a obtenção
do grau de licenciatura em Letras – Português.

Orientadora Professora Dra. Adriana de Fátima
Araújo Barbosa

Brasília
2013

CAMILA OTIM GOMES
09/0004183

**ANÁLISE DO CARÁTER ARLEQUINAL NA *PAULICÉIA DESVAIRADA*:
Moderna acrobacia de Mário de Andrade**

Monografia apresentada ao
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
do Instituto de Letras da Universidade de
Brasília como requisito parcial para a obtenção
do grau de licenciatura em Letras – Português.

Orientadora Professora Dra.
Adriana de Fátima Araújo Barbosa

Data da aprovação: 19 de julho de
2013.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus não como criatura ao Criador, mas com a gratidão de filha para com o Pai.

Aos meus pais, que ao longo deste curso acreditaram em mim e valorizaram cada pequeno feito meu. Por terem se alegrado e sofrido comigo. Por terem me passado a fé. Pela cumplicidade e pelo amor

À Aninha, Maria Clara e Júlia, por todas as vezes que me motivaram e me fizeram ver na prática meus estudos.

Ao Gabriel, que contribuiu para que esse trabalho tomasse forma e também por todas às vezes que tentou impedir que ele acontecesse.

Aos meus amigos que se empolgaram com minhas descobertas, que me cobraram o fim desse estudo, que me deram ânimo para desenvolver esse trabalho.

À Nina, pelas discussões acadêmicas, pelo apoio e por ter me acompanhado nos devaneios arlequinais.

À professora Adriana, que me apresentou ao Mário que não conhecia e que me desafiou a encontrar a chave da Paulicéia.

RESUMO

O presente trabalho é um estudo literário sobre o caráter do arlequim nos poemas de *Paulicéia desvairada*, livro publicado por Mário de Andrade. Tem como objetivo inicial traçar a trajetória do arlequim desde seu surgimento até sua aparição na obra de Mário. A partir da trajetória do personagem o estudo intenta identificar elementos que impulsionaram as mudanças no caráter do arlequim, para isso, o estudo busca delimitar a presença do personagem nos poemas *Inspiração*, *O Trovador*, *Rua de São Bento*, *Paisagem N.º 1*, *Ode ao burguês*, *Tristura*, *O Domador*, *A Caçada*, *Noturno*.

Palavras-chave: Arlequim. Mário de Andrade. Modernismo. São Paulo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. O ARLEQUIM	8
1.1. O Arlequim italiano.....	8
1.2. Arlequim brasileiro	9
1.3. A simbologia do arlequim	9
2. O ARLEQUIM NA PAULICÉIA DESVAIRADA.....	11
2.1. Poema <i>Inspiração</i>	11
2.2. Poema <i>O Trovador</i>	12
2.3. Poema <i>Rua de São Bento</i>	12
2.4. Poema <i>Paisagem N.º 1</i>	13
2.5. Poema <i>Ode Ao Burguês</i>	14
2.6. Poema <i>Tristura</i>	15
2.7. Poema <i>O Domador</i>	17
2.8. Poema <i>A Caçada</i>	18
2.9. Poema <i>Noturno</i>	18
3. O NOVO NO ARLEQUIM DE MÁRIO	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS	23

Em toda a sua extensão, a cidade parece continuar a multiplicar o seu repertório de imagens: no entanto, não tem espessor, consiste somente de um lado de fora e de um avesso, como uma folha de papel, que não pode se separar nem se encarar.

(Italo Calvino)

INTRODUÇÃO

Mário de Andrade, poeta modernista, publicou *Paulicéia desvairada* em 1922, momento em que a cidade de São Paulo já vivia um intenso processo de modernização, urbanização e explosão demográfica. Diante dessa realidade e inspirado pela cidade ele escreve esse livro de poemas e o faz consciente de seu labor.

Seus poemas não são fruto do acaso, foram escritos por um poeta que tinha o cuidado de escolher o que e como dizer, ele tinha uma visão clara do que estava fazendo ainda que a visão que o momento proporcionava fosse bastante turva. Apesar do processo de modernização confundir os sentidos e de Mário fazer parte desse processo, ele se manteve sóbrio para escrever.

Mário foi apaixonado por São Paulo como poucos se apaixonam por sua cidade natal, porém essa paixão não o impediu de apontar o lado grotesco da cidade, ele a amou sem ocultar a verdade, sem temer a rejeição tocou as feridas daquela que inspirou seus versos.

Diante de um poeta tão consciente e seguro de seu trabalho cabe, igualmente, a seus leitores e estudiosos compartilhar dessa consciência. Para alcançar a chave de leitura dos poemas é preciso um árduo labor a fim de desvendar as escolhas que ele fez e isso só é possível se voltarmos o olhar para o momento que provocou essas escolhas.

A presença do arlequim é forte na obra e essa presença é um exemplo da não arbitrariedade das escolhas que Mário fez ao compor os poemas. Compreender o uso que ele faz desse personagem implica em compreender outros elementos presentes, inclusive a própria cidade de São Paulo. O arlequim reflete tanto do momento que estudá-lo é estudar a modernização de São Paulo.

Mário fez uma escolha acertada ao utilizar o arlequim e o personagem se fundiu perfeitamente com a modernidade de forma que resta aos estudiosos desenvolverem um estudo conjunto dos dois, uma vez que estudar um já é estudar o outro. Sendo assim, buscar a motivação que levou Mário a escolher o arlequim é buscar a chave de leitura para seus poemas arlequinais.

1. O ARLEQUIM

Em *Pauliceia desvairada*, Mário de Andrade se vale de uma célebre figura do teatro, o Arlequim, sua utilização é uma escolha do poeta, não é de uso arbitrário. Os poemas foram escritos a partir de escolhas, como o próprio Mário deixa claro na parte 10 do *Prefácio interessantíssimo*, não é por incapacidade de metrificar que ele se vale do verso livre, na parte 36 do prefácio ele justifica a inovação na escrita de poemas como uma mudança natural que, por exemplo, a música já havia passado. Sendo assim a composição dos poemas não é fruto do acaso, mas de um árduo trabalho do poeta.

Para compreender o que motivou a escolha do poeta por essa singular figura e a carga semântica que a veste é preciso voltar ao seu berço no teatro italiano, à sua representação no Carnaval brasileiro e ao seu valor simbólico. A chave de leitura a que o poeta se refere na parte 62 do prefácio passa por compreender a não arbitrariedade dos usos que ele faz em seus poemas.

1.1.O Arlequim italiano

A *commedia dell'Arte* surgiu na Itália no século XVI em oposição aos espetáculos da corte e da academia, ao contrário destes que eram frios e vazios, a *commedia dell'Arte* buscava envolvimento emocional com o público. Funcionava como um teatro ambulante, as companhias viajavam em carroças para se apresentar de cidade em cidade, se apresentavam em palcos montados nas ruas e praças públicas. Os atores tinham um papel fixo, era comum representarem durante toda a carreira um único personagem. As apresentações eram improvisadas, os atores não tinham mais do que um roteiro para seguir, um esqueleto de ação, suas falas eram construídas livremente no palco. Por isso, não foi um gênero teatral escrito, mas um estilo de representar.

Dentre os personagens da *commedia dell'Arte* o arlequim é o que tem as características mais marcantes e mais particulares, é facilmente reconhecido por sua máscara e vestimenta, sua forma de falar e seu vocabulário. Seu nome surgiu do apelido do patrocinador de um ator da comédia, ele se chamava Hachille du Harlay, seu apelido era uma espécie de diminutivo de *harle*. Na época havia muitas variações na grafia, é possível encontrar registros grafados como: “arlechino”, “harlechino”, “herlequinus”.

Quanto às suas vestes, nem sempre tiveram losangos coloridos. No início usavam jaquetas, topetes feitos de penas ou de cauda de lebres. Com o passar dos séculos foram

acrescentando retalhos triangulares nas cores azul, vermelho e verde, até que chegaram aos losangos coloridos costurados formando uma única malha. Os topetes de penas deram lugar para o chapéu de várias pontas com guizos. Em algum momento, não há referências exatas para afirmar quando exatamente, passou a usar a máscara preta. O figurino do arlequim que hoje é conhecido é semelhante ao do século XVIII.

Antes do século XVII, o arlequim era um zombeteiro que realizava truques extravagantes e movimentos violentos, chegava a ser rude e grosseiro. Era um palhaço irreverente. Sua personalidade passou por mudanças, ainda que continuasse um pateta ousado, o personagem assumiu uma postura mais sutil e mais inteligente, além de que suas acrobacias se tornaram ágeis e graciosas. Por meio do riso criticava os costumes e esbanjamentos da sociedade burguesa da época. Sua figura é intrínseca à dança, às acrobacias e ao divertimento, é irônico e sarcástico. Para Duchartre (1966, p.134) “Harlequin was the first poet of acrobatics and unseemly noises”¹.

1.2.Arlequim brasileiro

A *commedia dell'Arte* se aproxima da *Moscheta*, um espetáculo italiano representado pela primeira vez em 1528 durante o Carnaval, essa aproximação se dá pelo fato da *Moscheta* evocar elementos da comédia improvisada. E é no Carnaval brasileiro que a figura do Arlequim se difunde pelo país, juntamente com outros personagens, a Colombina (bela criada) e o Pierrot (pobre serviçal, na comédia italiana foi conhecido como Pedrolino e na francesa foi rebatizado).

Ainda hoje é possível encontrar os três desfilando no Carnaval pelas ruas na Bahia e em Pernambuco. As marchinhas de carnaval contam a história que envolve essas figuras. Pierrot é apaixonado por Colombina, que por sua vez é apaixonada por Arlequim e sua paixão é correspondida por ele. Pierrot nutre por sua amada um amor puro e verdadeiro, enquanto que Arlequim sente um desejo carnal por ela. O que está por trás da escolha de Colombina é a disputa entre o amor verdadeiro e a atração carnal. Ela escolhe ficar com Arlequim, até porque Pierrot mantém em segredo sua paixão e só depois se declara.

1.3.A simbologia do arlequim

¹Tradução livre: O arlequim foi o primeiro poeta de acrobacias e barulhos inconvenientes.

Buscando a simbologia, o arlequim é a imagem do irresoluto e do incoerente, um indivíduo sem caráter ou princípios. Sua roupa feita com losangos dispostos como um xadrez “evoca uma situação conflitiva – a de um ser que não conseguiu individualizar-se, personalizar-se e desvincular-se da confusão dos desejos, projetos e possibilidades.” (CHEVALIER, 1997, p. 80).

O Arlequim não deixa de ser um palhaço, este representa a inversão da realeza no âmbito das palavras, das vestimentas e das atitudes. Substitui a majestade com a irreverência, o temor com o riso, o sagrado com o ridículo. O palhaço é “a paródia encarnada.” (CHEVALIER, 1997, p. 680).

Enquanto bufão, o arlequim revela a dualidade do ser. Exprime em tom sério situações cotidianas e em tom de brincadeira situações graves. Se age por obediência é com extrema solicitude, e o faz para ridicularizar a autoridade. O bufão é um duplo de si mesmo, é a expressão da multiplicidade do ser humano e por isso desconcerta o espectador e o força a buscar harmonia. Não é apenas um personagem cômico, provoca profundas reflexões nos que o compreendem bem.

2. O ARLEQUIM NA PAULICÉIA DESVAIRADA

Em 9 poemas do livro *Paulicéia Desvairada* Mário de Andrade caracteriza ele mesmo, a cidade e seus elementos como “arlequinal”, ele cria o termo utilizando um processo de sufixação para adjetivar o substantivo “arlequim”.

Nesta seção farei a análise destes poemas: *Inspiração*, *O Trovador*, *Rua de São Bento*, *Paisagem Nº. 1*, *Ode ao Burguês*, *Tristura*, *O Domador*, *A Caçada* e *Noturno*.

2.1. Poema *Inspiração*

No primeiro poema do livro, Mário de Andrade assume que São Paulo de fato é a inspiração para a composição dos versos, é sua Paulicéia desvairada: “comoção de minha vida...”. A escola *Desvairismo*, que o poeta funda e fecha no *Prefácio Interessantíssimo*, volta seu olhar para a cidade e ao longo do livro canta o momento que ela vivia.

A cidade é chamada de “arlequinal”, os “trajes de losangos...” que compõem a indumentária do arlequim marcando o contraste entre as cores e também são a vestimenta da cidade de São Paulo, a vestimenta da cidade é tecida pelo contraste do moderno e do antigo (cinza e ouro/ luz e bruma/ forno e inverno morno).

Ainda se valendo de contrastes, Mário aproxima duas imagens aparentemente opostas em um mesmo verso: “Bofetadas líricas no Trianon... Algodão!...”, as bofetadas (gesto bruto) são líricas (característica doce), e ele as chama “algodoal”, assim passa a ser um gesto leve e suave como o algodão. É interessante observar que a própria epígrafe do poema sugere um jogo de opostos: “Onde até na força do verão havia/ tempestades de ventos e frios de/ cruelíssimos inverno”, São Paulo é a cidade que em pleno verão sofre tempestades e frio, inclusive essa estação é a mais chuvosa do ano.

A modernidade que está chegando à cidade vem da Europa, seja por perfumes franceses ou até mesmo pelo parque Trianon, que foi projetado por um paisagista francês. Assim como a modernidade, a figura do arlequim também é importada do velho continente, surge na Itália e chega ao Brasil pela comédia francesa.

Na última estrofe, São Paulo assume o papel do arlequim, a cidade é como galicismo (palavra de origem francesa ou afrancesada) a berrar para a América, é por São Paulo que a modernidade chega da Europa para o continente, é essa cidade que sinaliza que o novo já chegou para tomar o lugar do antigo. O arlequim na comédia italiana tinha o papel de apontar as falhas e arcaísmos da sociedade.

Inspiração canta uma cidade que se assemelha ao arlequim por se vestir de contrastes como um, em suas ruas circulavam modernos automóveis bem como veículos puxados por animais; e se assemelha por se posicionar como um, mostrava às outras cidades do continente que sua dinâmica arcaica já podia dar espaço para o novo.

2.2. Poema *O Trovador*

A figura do arlequim também se aplica ao poeta, ao trovador. No poema o trovador traz em si, com certo incomodo (asperamente), os sentimentos de homens de uma época passada. O novo já sobrepõe o antigo causando o incômodo? É o sentimento de ver o desconhecido revolucionar a antiga dinâmica da cidade.

O sarcasmo passa como as primaveras, como se fizesse aniversário, “intermitentemente” pelo coração do poeta, coração esse que é arlequinal. Esse sarcasmo que passa pelo coração do poeta é característica intrínseca à figura do arlequim.

O poeta tem a alma doente como um “longo som redondo”, porém esse som vem do Cantabona, que significa *canta coisas boas*, é o maior sino de um mosteiro da Toscana e no Mosteiro de São Bento no centro de São Paulo há um desse sino. Novamente imagens contrárias dialogam, o som adoece o poeta apesar de vir de um sino que canta coisas boas. O sino não é uma figura moderna, ainda que cante coisas boas o coração do poeta já é arlequinal, já se insere no novo.

No último verso o trovador se assume índio tocador de alaúde. O alaúde é um instrumento de corda bastante antigo, por volta dos anos 1900 foi revivido pelo Romantismo. O trovador era um artista medieval francês que tocava alaúde e compunha cantigas. Assim o trovador do poema se revela um homem que não surgiu na modernidade (tupi), mas que não deixa de se inteirar do que vem de fora, nesse caso específico da França.

2.3. Poema *Rua de São Bento*

A Rua São Bento fica no centro de São Paulo, no distrito da Sé. O triângulo mencionado no início do poema é formado pela Rua São Bento, pela Rua Direita e pela Rua 15 de novembro, onde foi o centro da vida comercial, intelectual e elegante da cidade entre os séculos XIX e XX.

O poeta nos coloca diante de uma rua movimentada, “Há leilão. Há feira de carnes brancas. (...) A cainçalha... A bolsa... As jogatinas...”, uma rua agitada por “ondas plúmbeas

de casas plúmbeas” que causam “asfixias da alma”. A rua é como um mar revolto que esgota os navios do poeta: “Não tenho navios de vela para mais naufrágios!”. Essa aceleração é da vida moderna, “São as califórnia duma vida milionária/ numa cidade arlequinal...”, a vida milionária que a modernidade traz tem sua fonte de riqueza no fugaz.

Para abrigar tamanho movimento São Paulo haveria de ser arlequinal. O choque da modernidade com o antigo que tomava conta da cidade gera inquietude, característica do arlequim. A situação angustia o poeta, na penúltima estrofe ele pede: “Minha Loucura, acalma-te!/ Veste o *water-proof* dos tambéms!”, ele pede a sua Loucura que se impermeabilize dos tambéms, aqui os tambéms cabem como a aceitação pacífica da invasão da vida moderna.

Os últimos versos do poema carregam uma esperança. Em meio à fúria do mar o poeta vê em uma chaminé de céu azul a cura para essas casas feitas de chumbo:

“Entre estas duas ondas plúmbeas de casas plúmbeas,
Vê, lá nos muito-ao-longes do horizonte,
A sua chaminé de céu azul!”

(*Paulicéia Desvairada*, p.86)

2.4. Poema Paisagem N.º 1

No *Prefácio Interessantíssimo*, Mário de Andrade adverte o leitor quanto à leitura dos poemas, ele sugere aos que não souberem cantar não ler *Paisagem N.º 1*. Sendo assim é possível inferir que o poema seja um canto e sendo um canto estabelece uma relação curiosa entre o poeta e a cidade. Segundo Chevalier (1982), o canto une a fragilidade da criatura à força de seu criador, é o sopro de resposta da criatura ao sopro do criador. Mário era a criatura moderna que cantava à cidade, sua criadora.

São Paulo é comparada à Londres, uma cidade moderna que em 1863 abrigava o primeiro metrô do mundo. Com isso o poeta insere sua cidade no cenário internacional das cidades modernas.

O clima da cidade é contraditório, imagem já expressa pela epígrafe do poema *Inspiração*, em “pleno verão (...) Faz frio, muito frio...” e às “rosas paulistanas” resta perfumar a neve. O vento cortante e impiedoso é arlequinal, ele incomoda e se opõe ao verão, características de um arlequim, figura que não se cala diante dos exageros da burguesia.

“Passa um São Bobo, cantando, sob os plátanos,

Um tralalá... A guarda-cívica! Prisão!
 Necessidade a prisão
 Para que haja civilização?"

(*Paulicéia Desvairada*, p. 87)

O São Bobo faz alusão ao arlequim, um bobo da corte. O canto desse Bobo é censurado pela guarda-cívica. Isso leva o poeta a questionar se para manter a civilização, a prisão é a medida mais acertada. Mesmo com o avanço da modernidade a civilização se vale de métodos antigos. A figura moderna por excelência (São Bobo/ arlequim) é silenciada pela força de métodos antigos.

O poeta vive uma dualidade de sentimentos: se entristece com o lamento que a cidade de concreto (cinzento das ruas) dialoga com o vento e se alegra com o “friozinho arrebitado”. Frente a essa confusão de sentidos o poeta não foge nem se esconde, ele enfrenta essa cidade em processo de transformação, essa cidade que não é uma, mas duas: a moderna e a antiga, o verão e o inverno.

"E sigo. E vou sentindo,
 Á inquieta alacridade da invernia,
 Como um gosto de lágrimas na boca..."

(*Paulicéia Desvairada*, p. 88)

2.5. Poema *Ode Ao Burguês*

No poema *Ode ao Burguês* Mário de Andrade constrói um jogo irônico entre o nome do poema e o poema em si. Odes são composições poéticas que enaltecem seu objeto de inspiração, porém ao longo do poema o burguês é insultado: “Eu insulto o burguês!”. O fato de Mário se posicionar contra a classe burguesa já é uma atitude arlequina, um burguês criticando a própria burguesia.

No *Prefácio interessantíssimo* o poeta revela que quem não souber urrar não deve ler este poema. Não só o tema sugere que a leitura seja feita com certa violência na voz, a própria estrutura do poema pede isso. Todo ele é construído com exclamações, há apenas 3 perguntas e todas as outras orações são marcadas com ponto de exclamação.

Mário se opõe ao burguês níquel, funesto, mensal, cinema, tílburí. Um burguês que vive de aparências:

“E gemem sangues de alguns mil réis fracos
 Para dizerem que as filhas da senhora falam o francês
 E tocam o *Printemps* com as unhas!”

(*Paulicéia Desvairada*, p. 88)

Em sua ode o poeta declara seu ódio ao burguês. Na penúltima estrofe esse ódio chega a ser violento, Mário deseja a morte desse burguês que está cheio de falsidades, “Morte ao burguês de gíolhos,/ Cheirando religião e que não crê em Deus!”. Seus sentimentos são nutridos de um ódio cíclico, um ódio que não passa, tem seu início e segue um ciclo de forma que não se extingue.

As escolhas lexicais de Mário exprimem o paradoxo que a cidade de São Paulo vivia no momento, a modernidade vinda de fora coexistindo com a realidade brasileira. No mesmo poema ele usa de palavras francesas (*purée*, *Printemps*) e de um arcaísmo da língua portuguesa (gíolhos/joelhos). Isso é um reflexo de Mário enquanto homem inserido no processo de transição.

O poeta condena aqueles que se põem a calcular e controlar os dias, “Fora os que algarismam os amanhãs!”. Ele argumenta quanto a isso observando “a vida dos nossos setembros”, “Fará Sol? Choverá? Arlequinal!”. O tempo é imprevisível, a vida acontece no imprevisto e espontaneamente, é como um arlequim. Mesmo que faça chuva também haverá sol, a cidade de Mário é a cidade dos opostos que coexistem: “Mas à chuva dos rosais/ O êxtase fará sempre Sol!”.

2.6. Poema *Tristura*

O nome do poema e sua epígrafe tirada de um poema sem título de 1887, do poeta francês Stéphane Mallarmé, “Une rose dans lês ténèbres”², anunciam ao leitor a melancolia e a tristeza que carregam os versos seguintes. Como bem observou Aleilton Fonseca (2012), a rosa que floresce na escuridão é como o trabalho poético de Mário que surge em meio a um momento tão turvo e confuso, o momento que a modernidade invade São Paulo transformando os espaços e reorganizando as relações interpessoais. Por estar inserido no

²Tradução livre: Uma rosa na escuridão.

contexto da cidade, Mário é desafiado a ler os acontecimentos apesar da escuridão que o cerca.

O poeta inicia o poema com uma imagem negativa: “Profundo. Imundo meu coração...”, com essa imundice dentro de si, ele “Olha o edifício: Matadouros da Continental.”. Esse edifício era onde funcionava o frigorífico da Companhia Continental, localizado onde hoje é um bairro residencial, o Jardim Wilson. Tanto por fora quanto por dentro o poeta se vê imerso nas sujidades da cidade. Ele foi rendido aos vícios, isso lhe pesa na alma, “Minha alma corcunda como a Avenida São João”.

A comparação que o poeta faz de sua alma com a avenida é bastante curiosa, é nessa avenida que o Edifício Martinelli foi construído, inaugurado em 1929, este foi o primeiro arranha-céu da América Latina e é considerado o símbolo de transição para a era dos arranha-céus. Ao longo de sua extensão, a avenida faz uma curva não muito fechada. Outra característica interessante da avenida é que ela se divide em duas partes: uma onde veículos e pedestres transitam e outra onde o trânsito é exclusivo para pedestres. É uma avenida marcada pela modernidade (Ed. Martinelli) e que não é uma unidade (duas partes), dessa forma a alma do poeta também pode ser vista.

O poeta revela que ser arlequinal não traz alegria: “E dizem que os polichinelos são alegres!/ Eu nunca em guisos nos meus interiores arlequinais!...”. Ainda que os polichinelos (palhaços) sejam alegres no seu interior, Mário nunca em guisos, nunca experimentou a alegria no tilintar dos guisos. O arlequim é um ser irresoluto, esse pode ser o motivo do poeta não sentir alegria. Como homem sujeito as transformações da modernidade, Mário também é irresoluto.

Paulicéia é a cidade de São Paulo feita mulher e com essa mulher o poeta vive uma relação matrimonial, “Paulicéia, minha noiva...”. O poeta se faz um com a cidade em meio às transformações que ela passa, “As permanências de ser um na febre!”, e é justamente por essa febre, essas transformações modernas que atacam a cidade como uma doença, que é possível a união dos dois. Ao mesmo tempo em que são um, o poeta afirma: “Nunca nos encontramos...”, mas como se deu essa união? No verso seguinte Mário se explica: “Mas há *rendez-vous*³ na meia-noite do Armenonville...”, o Armenonville é uma comuna francesa, assim o encontro entre os dois não se deu em São Paulo, mas na França.

Da união de Paulicéia e Mário veio uma filha, “uma só...”. Ela recebeu o batismo do “sr. cura Bruma”, a água-benta veio “das garoas monótonas”, ao mesmo tempo em que ela

³Tradução livre: encontro.

recebe a cura da escuridão que seus pais vivem a água do batismo é monótona. A menina foi registrada no cartório do bairro da Consolação, um bairro conhecido como bairro das eternas transformações, o bairro dos contrastes, abriga tanto mansões luxuosas quanto boates e garotas de programa. Ela recebe o nome “Solitude das Plebes”, carregando tantos contrastes em si a menina é a solidão que o povo experimenta diante da modernização.

2.7. Poema *O Domador*

A paisagem é a cidade marcada pela urbanização (asfalto, bonde, avenida) e ao mesmo tempo o passado ainda está presente (grito de goticismo, *filets* de manuelino, botecellis, torreões). Esse é o recorte que Mário faz da cidade, do processo de modernização que ela passava. Capta o movimento da cidade dividida em duas: a cidade moderna que encobria a antiga.

O poeta se insere na nova dinâmica da cidade “Mário, paga os duzentos réis.”, porém olha saudoso para o passado, “Mas... olhai, oh meus olhos saudosos dos ontens”. Os “cavalos de cólera sanguínea” antes domados pelos gaúchos agora dão lugar para os automóveis que são domados pelo elegante e gentil filho do imigrante, aqui se estabelece um contraste: a dureza de domar o cavalo e a leveza de domar o automóvel.

Nesse espetáculo “aos aplausos do esfusante clown” é o arlequim (clown-palhaço, bobo da corte) que sucede os bandeirantes, estes que foram responsáveis por desbravar o interior do Brasil deixam o legado para essa curiosa figura que desbrava a modernidade com sua crítica vestida de riso. A chave do poema é a dialética, olhando as contradições que o espaço urbano traz ao homem o leitor é levado a compreender a angústia que aquela sociedade estava vivendo. A modernidade gerou um momento turvo e confuso, de forma que o homem perde o ser em si e passa a ser nas coisas, imagem do arlequim, que tenta se personalizar.

As mudanças pediam adaptações, o título do poema levanta um questionamento: quem é o domador? Quem deve ser domado? A voracidade da modernização de fato foi um domador, mas o homem já a dominava, pelo menos o filho do imigrante era capaz disso, o paulistano ainda estava no processo. O arlequim domou essa nova realidade ao ponto de jogar com ela e promover um espetáculo. O poeta por sua vez, se paga os duzentos réis, “são cinco no banco” entra no jogo e é domado. São Paulo é uma unidade dentro da dialética, irresoluta em suas contradições.

2.8. Poema *A Caçada*

O poeta inicia o poema com uma imagem e a repete mais duas vezes, a imagem da “bruma neva”. Segundo Chevalier (1997) a bruma, o nevoeiro é símbolo do indeterminado, de um momento de transição, onde as formas antigas não desapareceram totalmente e as novas ainda não assumiram uma forma nítida. A cidade de São Paulo vivia exatamente esse processo de evolução que permitia ao observador vislumbrar uma cena pouco definida.

A cidade vive uma revolução no modo de ser, vive “Cataclismos de heroísmos”. Os cinismos e a impudência tomam sua posição na cidade implicando em “novas cartas-de-Vaz-Caminha!”, a realidade precisa ser rescrita uma vez que o que está no papel não condiz mais com o que se vê. São Paulo tomada pelo descaro é palco de crimes, do “crime puladinho” dos “Tripudiaros gaios”, do bêbado que a polícia tem que prender no monumento do Piques, de “Mais um crime no Moóca!”. Esse novo modo de ser, vândalo e criminoso, é que os jornais estampam.

Imerso nessa confusão, nessa bruma, Mário vê “Perdidos os poetas, os moços, os loucos!” Os ideais perderam a cor, “Nada de asas! nada de poesia! nada de alegria!”. Esse nevoeiro que confunde a visão é “Arlequinal!”, apesar da visão confusa busca personalizar-se, individualizar-se, assumir uma forma definida. E é nessa esperança que o poeta acredita que há salvação: “Mas viva o Ideal! God save the poetry⁴!”

Nessa multidão que se forma, entre criminosos e poetas, Oswald de Andrade passa em seu Cadillac procurando por gênios. Um poeta contemporâneo de Mário, que já havia domesticado a modernidade (Cadillac), separa em meio à bruma aqueles que seriam capazes em enxergar com mais clareza o momento que a cidade de São Paulo enfrentava.

2.9. Poema *Noturno*

Mário de Andrade se vale da vida noturna da cidade para compor o poema. Sob as luzes do Cambuci, distrito de São Paulo, o crime marca as noites, os bondes passam pelos trilhos e o atrito provoca faíscas, como se fossem fogos de artifício. A modernidade se manifesta como espetáculo (fogos de artifício).

Faz calor e a noite tem um ar pesado, “Calor!... E as nuvens baixas muito grossas (...) Calor!... Os diabos andam no ar”. Esse peso cai justamente no poeta, porque “Ninguém,

⁴ Tradução livre: Deus salve a poesia!

ninguém, ninguém se importa!/ Todos embarcam na Alameda dos Beijos da Aventura!”. O poeta está preso pelas grades do espetáculo enquanto a travessa do Cambuci se perde na liberdade dos beijos:

“Mas eu... Estas minhas grades em girândolas de jasmims,
Enquanto as travessas do Cambuci nos livres
Da liberdade dos lábios entreabertos!...
Arlequinal! Arlequinal!”

(Paulicéia Desvairada, página 96)

Mais uma vez nos deparamos com a imagem do poeta como arlequim, é ele quem destoa dos outros, não há mais ninguém preocupado com a noite acontecendo ao redor, resta a ele ver, sofrer e anunciar essa noite. Essa “treva cor de cal” que envolve São Paulo. Ele sofre porque sobre as grades o seu céu é um espetáculo de lágrimas. “Mas sobre estas minhas grades em girândolas de jasmims, (...) meu céu é todo um rojão de lágrimas!...”.

Mário não foge da carga que lhe é imposta, e é imposta pelo seu próprio olhar. A modernidade acontece diante dos olhos de todos, porém só Mário é capaz de perceber isso, ninguém mais se importa. O espetáculo da modernidade tomando a cidade antiga se apresenta vivamente diante dos olhos do poeta.

3. O NOVO NO ARLEQUIM DE MÁRIO

O arlequim, desde o seu surgimento, sofre mudanças em seu caráter. O personagem assumiu novas características com o passar dos séculos, primeiramente influenciado pelos atores que o interpretavam na comedia italiana, depois pelo teatro francês que o trouxe para o Brasil, e finalmente pelo carnaval brasileiro. Associado a essa trajetória, Mário de Andrade também foi responsável por continuar com a evolução dessa figura.

A figura do arlequim não aparece como um personagem nos poemas de *Paulicéia Desvairada*, ele é a máscara que Mário coloca na cidade de São Paulo⁵; nele mesmo enquanto poeta⁶; no clima⁷, no céu⁸ e na bruma⁹ que cobre a cidade. Por tomar forma a partir da existência alheia o arlequim assume novas características. A máscara absorve traços do rosto que a usa.

Antes de Mário, sobre saía na personalidade do arlequim o lado brincalhão que despertava o riso, mas havia também o lado que estava imerso na confusão de seus desejos e buscava se individualizar. Mário joga com o inverso dessa figura, o caráter jocoso do arlequim perde a força e aflora sua personalidade em construção e a dor que esse processo causa. O arlequim deixa transparecer o sofrimento dos que foram abruptamente inseridos no processo de modernização, estes são a cidade de São Paulo e o poeta. O clima, o céu e a bruma ainda que sejam elementos da natureza dialogam com a confusão que a modernidade trouxe consigo.

No poema *Tristura* o poeta revela que não experimentou a alegria de ser arlequinal, só ouviu dizer: “E dizem que os polichinelos são alegres!/ Eu nunca em guisos nos meus interiores arlequinais!...”. Ele experimenta a tristura de não ter claro a referência de quem é porque a modernidade desconstruiu o ser. O poeta se vê consumido pela angústia de ter que reencontrar seu lugar na existência e na nova dinâmica da cidade.

O espaço da cidade se fez novo, a própria cidade teve que lidar com a indefinição de si mesma. Os automóveis e os bondes substituíam carroças, um arranha-céu era capaz de comportar o que antes ocupava uma rua inteira, a necessidade de expandir a cidade era maior do que a organização poderia acompanhar. As novidades da modernização dividiam o espaço

⁵ Poemas *Inspiração, Rua de São Bento*

⁶ Poemas: *O trovador, Tristura, Noturno*

⁷ Poemas *Paisagem N.º 1, Ode ao burguês*

⁸ Poema *O domador*

⁹ Poema *A caçada*

com o antigo ritmo da cidade, estabelecendo assim um contraste, como as cores dos losangos se contrastam na roupa do arlequim.

A divisão da cidade se estendia aos seus habitantes: arlequins sofrendo a angústia e a tristeza de abandonar o antigo para se lançar ao novo. Sabemos que os habitantes sofriam com o processo porque um deles tomou consciência do que se passava no seu interior (angústia) e no exterior (modernização/ urbanização) ao ponto de escrever poemas sobre. Coube a Mário de Andrade o papel de poeta, de arauto do momento vivido.

Assim, o arlequim passa, na mão de Mário de Andrade, por uma mudança em seu humor. A figura outrora conhecida por sua graça, vadiagem e safadeza se mostra sóbria, angustiada e triste. Até mesmo suas cores transparecem essa mudança, a indumentária que se compunha de losangos coloridos passa a estampar losangos de cinza e ouro, as cores vivas e escandalosas dão lugar às cores frias. Logo no primeiro poema do livro, *Inspiração*, fica evidente essa mudança de cores, São Paulo se veste de frieza e tristura: “Trajes de losangos... Cinza e ouro...”.

Essa mudança de humor foi possível porque na poesia de Mário de Andrade sobressaía o lado mais íntimo do arlequim, que era justamente o lado confuso que buscava descobrir o seu eu, o poeta mudou a direção do olhar do arlequim, na comédia italiana ele olhava para a plateia e provocava o riso enquanto que nos poemas ele olha para si e sofre com a indefinição de seu ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o livro de poemas *Paulicéia desvairada* Mário de Andrade deu início ao trabalho de representar o momento de modernização que São Paulo vivia. A partir das imagens turvas que a cidade oferecia na época, o poeta foi capaz de compô-las claramente em palavras. Ele, que também fez parte e viveu o processo de modernização, não fugiu da confusão que lhe foi imposta, mas enfrentou a angústia de se modernizar e a registrou.

Para lidar com um momento tão confuso, foi necessário que Mário fizesse escolhas poéticas conscientes, sendo assim, buscando partilhar dessa mesma consciência o presente estudo se ocupou com a história e evolução do caráter do arlequim desde seu surgimento na *commedia dell'Arte* até sua incorporação pelo carnaval brasileiro.

Diante desse estudo fica evidente que Mário de Andrade fez escolhas conscientes para compor os poemas de *Paulicéia desvairada*, de forma que foi capaz de fundir imagens como a de São Paulo e a do arlequim. Essa fusão foi completa, uma vez que olhar para o arlequim evoca os conflitos que a São Paulo de 1922 vivia e o inverso também é verdadeiro. O arlequim é intrínseco a São Paulo e São Paulo é arlequinial.

Ao vestir a cidade e a si mesmo com a indumentária do arlequim, Mário personaliza o próprio arlequim. Este que buscava se individualizar passa a ser no outro, em São Paulo, no poeta, no clima e na bruma. Ainda que sua existência não esteja intimamente vinculada ao riso, mas à angústia, à tristeza e à confusão de se modernizar. O arlequim de Mário é um e dentro desse um ele carrega a dualidade de ser o antigo e o moderno, mas ele é finalmente um.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **Poesias completas**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

ASSOCIAÇÃO DOS REGISTRADORES DE PESSOAS NATURAIS DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Um bairro em eterna transformação**. Disponível em: <http://www.arpensp.org.br/principal/index.cfm?pagina_id=229>. Acesso em: 24 jun. 2013.

BABO, Lamartine. **Ride Palhaço**. 1934. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/lamartine-babo/ride-palhaco-marchacarnaval.html>> Acesso em: 24 jun. 2013.

CHERVALIER, Jean; GUEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, cores, números**. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

CONDOMÍNIO DO PRÉDIO MARTINELLI. **História**. Disponível em: <<http://www.prediomartinelli.com.br/historia.php>>. Acesso em: 24 jun. 2013.

DUCHARTRE, Pierre-Louis. **Theitalian comedy: the improvisation scenarios lives attributes portraits and makes of the illustrious characters of the commedia dell'arte**. New York: DoverPublications, 1966.

FONSECA, Aleilton. **O Arlequim da Pauliceia – Imagens de São Paulo na poesia de Mário de Andrade**. 1. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2012.

KETI, Zé; MATTOS, Pereira. **Máscara negra**. 1966. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/ze-keti/mascara-negra.html>>. Acesso em: 24 jun. 2013.

LAFETÁ, João Luiz. A poesia de Mário de Andrade. In: **A dimensão da noite e outros ensaios**. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

MEYER, Marlise. **Pireneus, caixaras...da commediadell'arte ao bumba-meu-boi**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

NEVES, José. **A história do Jardim Wilson**. Disponível em: <<http://joseneves.com.br/blog/?p=181>>. Acesso em: 24 jun. 2013. <<http://www.piratininga.org/Martinelli.htm>>

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Dicionário de Ruas**. Disponível em: <<http://www.dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/Introducao.aspx>>. Acesso em: 24 jun. 2013.

ROSA, Noel; PRAZERES, Heitor dos. **Pierrô apaixonado**. 1935. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/marchinhas-de-carnaval/pierro-apaixonado.html>>. Acesso em: 24 jun. 2013.